

[ILUSTRADO]



[] []
[OUTRAS]
PALAVRAS

Biblioteca
Parana

tel
ara
nha

A festa da moça nova

Fabiano Vianna

© Fabiano Vianna, 2025
© Biblioteca Pública do Paraná, 2020

Coordenação editorial: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde M. Pereira
Normalização de originais: Juliana Sehn
Ilustrações: Fabiano Vianna
Diagramação: Telaranha Edições
Arte final: Manoela Gonçalves Haas
Revisão: Guilherme Conde Moura Pereira
Produção do audiolivro: Bruno Vieira
Comunicação: Hiago Rizzi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vianna, Fabiano
A festa da moça nova / Fabiano Vianna. – 1. ed. – Curitiba, PR : Telaranha, 2025.

ISBN 978-65-85830-18-8

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

25-267773

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
(41) 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
2025



O HOMEM QUE PESCOU UMA AVÓ • 7
AS TORAS DOS QUE FORAM • 11
O RITUAL DOS MORTOS ILUSTRES • 13
A FESTA DA MOÇA NOVA • 17
MUIRAQUITÃ • 19
TRALHOTO • 21
O BARCO E A PALAFITA • 23
O HOMEM-PALAFITA • 25
PEIXES E FOLHAS • 27
FANDANGO NO MANGUEZAL • 29
FESTIVAL DO TAMANCO • 33
O FAZEDOR DE RABECA • 35
O FILHO DA RABECA • 37
O GALO BOÊMIO • 39
A RABECA-PEIXE • 41
O ADUFO QUE CAUSA TRANSE • 43
A TARTARUGA DE PANO E COURO • 47
MOROSIDADE MURMURANTE • 51
ITSEKE • 55
A CABEÇA QUE VOA DESTACADA DO CORPO • 59
A TARTARUGA DA NAIA • 61
OS VENDEDORES DE PALMILHAS • 63
QUANDO O MAR INVADE • 67
MATHEUS NO TELHADO • 69
O VÔ DE TAINÁ • 71
A CASA EM RUÍNAS NO FINAL DA RUA • 73
FESTA DE SÃO MENININHO • 75
ENCONTRO ANUAL DOS OBSERVADORES DE CUCOS DE MADEIRA • 79
A MENINA E O NAVIO • 83



O HOMEM QUE PESCOU UMA AVÓ

O pescador diminui o diâmetro e puxa a tarrafa. Desta vez, além dos peixes e crustáceos, pesca uma vó. Mas que bom – a senhorinha, franzida, ainda respira. Os óculos, quebrados. Tenta reconhecer a fisionomia, se é parente de alguém, mas as algas atrapalham. O homem fica em estado de torpor e quase desmaia. O barco é mole como a onda. A velha rezinga. Ao mover os pesos e desenroscar a malha, percebe que ela não possui pernas – mas um rabo de peixe. Atraca o barco e chama os amigos, que o ajudam a carregá-la. Levam-na dentro de um carrinho de madeira utilizado para levar malas de turistas. Em casa, coloca a vó dentro de uma banheira e liga o rádio. Ela se reanima. Pede para ver a novela. Ele traz a TV até o banheiro. No outro dia, chama um oculista da vila para analisar a vista dela. Por sorte ele atende a domicílio, levando suas traquitanas móveis – pequenas máquinas acopláveis no rosto. O doutor cola um pôster com letras grandes e miúdas no azulejo do banheiro e faz o teste nela. Ela erra quase todos. Seus óculos além de quebrados, estavam extremamente desatualizados. O doutor dá nova receita. O pescador manda fazer um novo, um aro mais moderno, mas mantendo o estilo. Quando a vó experimenta, percebe um novo mundo – bem mais nítido e colorido. Totalmente grata e feliz, fica alguns dias na casa do pescador, que capricha nos jantares. Traz peixes e camarões frescos todo dia. Mas ela gosta mesmo é do café da tarde – com bolachas e doces. Na cozinha da casa, com a cauda enfiada dentro de uma bacia, faz bolos magníficos. A casa deles passa a ter perfume de baunilha, maçã, chocolate. Os amigos do pescador passam a visitá-lo com mais frequência e os quitutes da vó-peixe começam a fazer sucesso na vila. Até vendem para fora, em pacotinhos fechados. Terceirizam com a padaria.

Numa noite tranquila, a vó diz que, no dia em que foi pescada, se perdeu do cardume, antes de ser atacada por um peixe enorme. Certamente, se perdeu por causa dos óculos. Conta diversas histórias do fundo do mar. Causos de aventuras submersas. Ele pergunta se ela quer voltar ao mar e ela responde que sim. Apesar da decepção, o pescador sabe que é o melhor para ela. Numa manhã quente, a leva com o mesmo carrinho até o mar. Arrasta-a até a água. Desta vez, com óculos novos, ela nada melhor. Contempla a nitidez das espumas lambidas pelos primeiros raios de sol. E pescador se despede, como alguém que leva um parente até a rodoviária. Ficarão as receitas e as histórias. A foto dela na banheira – num porta-retrato ao lado das suas outras vós, todas com rabos.





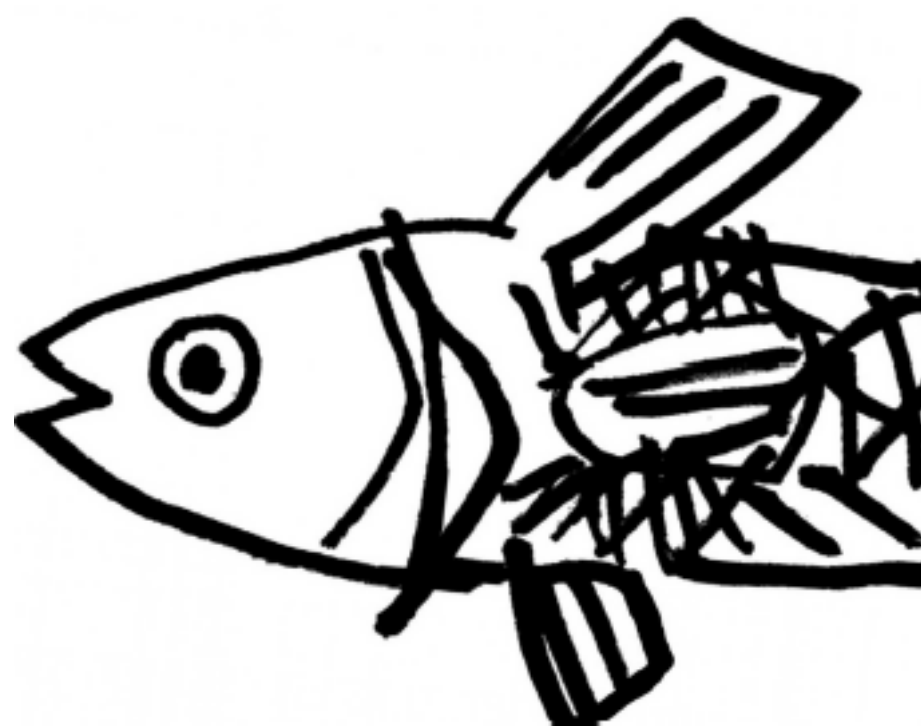
AS TORAS DOS QUE FORAM

Há um peixe na mão da menina. O peixe está morto. A menina leva o peixe até o lago e ele não afunda. Boia com barriga pra cima. Resolve então enterrá-lo em algum lugar. Cava um buraco no jardim que fica perto do rio. Ali mesmo, entre as folhas do ingazeiro, onde ela encontra uma pequena tora. Na verdade, é um galho mais grosso, que servirá para representar o peixe. Na sua casa, ela e sua mãe costumam colocar uma tora simbolizando cada parente que se vai. As toras ficam na sala. Há uma para o vô, outra para a vó. O tamanho da tora é proporcional ao tamanho do morto. Ela e sua mãe enfeitam as toras com roupas que pertenceram às pessoas e oferecem comidas, perfumes e outros agrados. No frio, elas vestem-nas de cachecóis e gorros. No verão, aproximam-nas do ventilador. As duas fazem desenhos de escamas na tora do peixe. Usam pedaços de tecidos que parecem barbatanas e a tampa de uma lata para ser as guelras. Pintam de prateado. Depois cantam algumas músicas embaladas por chocalhos de unhas de anta. De repente, um silêncio seguido de um sussurro. É a tora da vó – que fala algo. “Façam um empadão”, diz. E as duas obedecem. A iguaria se transforma em oferenda ao peixe, que desencarna feliz. Antes de dormir, como se não bastasse tudo o que aconteceu durante o dia, a menina olha pela janela e vê uma anta em seu quintal. De lado, manchada, é uma tora que anda.



O RITUAL DOS MORTOS ILUSTRES

O menino acorda. Há um cesto no meio da sala. A mãe diz que é um presente deixado pelos mortos e que à noite farão uma festa para agradecer. As pegadas dão no quintal. O quintal dá no rio. O menino anda até lá e encontra um peixe enorme – do tamanho do rio, vivo, olhando para ele. O peixe move-se lentamente, criando pequenas oscilações na água. Abre e fecha a bocarra. Nem precisou jogar a linha ou a tarrafa. Tantas tardes passou ali, com a boia incólume... A mãe diz que a cesta atraiu o peixe e ajuda o guri a arrastá-lo até o tanque. As guelras são asas. O peixe encosta nos lambrequins e sua cauda banha a edícula. Quase da altura da casa. A mãe diz: "Ontem à noite, a fumaça dos mortos nublou o céu." Do facão, voam escamas. O guri chama as tias para ajudarem. Cortam a cabeça, o rabo e enfim, as postas. Quando a noite cai, eles abrem o cesto e retiram os ossos do vô que morreu. Vestem o esqueleto com o melhor terno. Gravata borboleta, camisa de linho e chapéu marrom. No chapéu, uma pena pintada à mão. Sentam-no à mesa e servem o banquete. Será o último jantar que farão juntos antes dele partir. Os parentes e amigos juntam-se a eles. Colegas de baralho, amigos do jôquei... Brindam às memórias e relembram cenas engraçadas; emotivas. E assim a noite se esvai. Como fumaça que nubla o céu. Noutro dia, antes do menino acordar, a mãe coloca os ossos novamente na cesta e o leva até o rio. Com água na cintura, larga as alças para que o vô afunde. Enquanto isso, o menino dorme e sonha. Sonha com o vô chegando na cidade submersa, de gravata borboleta, camisa de linho e chapéu com pena pintada à mão. Recepcionado pelos vôs e vós de outrora. Outros avós. Iguazinhos aos das fotos, nos quadros ao redor da mesa. Mortos ilustres. Enquanto ele cavalga no peixe gigante, que agora também mora lá.





A FESTA DA MOÇA NOVA

Tainá trança a palha para esculpir uma cesta. Quem ensinou Tainá a trançar? O rádio desligado. As paredes são de pau a pique. Minhas unhas estão descascadas. Ontem à noite, vi um índio sentado perto da porta. Nossa casa é rodeada por uma várzea de taboas de onde retiro a palha. Digo para ela que é melhor ficarmos em casa. Na vila, tudo fechou. Estamos sem luz desde ontem à noite. Tainá nasceu em meio à palha que sua mãe trançava. E antes da mãe, a vó. Acendo o cachimbo para queimar o tabaco. O brejo está quieto. É preciso queimar o fumo até não sobrar nada no forninho ou estaremos desonrando os espíritos. Ouve os tambores? Cabelo, braços, pernas e os olhos – duas sementes Obi. Quando vira moça, é uma festa. Outros como ela dançam ao redor da mesa. As flautas cantam a voz dos encantados. No verão passado fomos atacados por uma nuvem de mariposas brancas, que atraídas pela luz elétrica dos postes, invadiram toda a cidade. Ao amanhecer, tinham que ser removidas depressa, porque com o calor do sol começavam a cheirar mal, parecendo peixe podre. Dançamos ao redor da mesa. Tainá trança a palha para esculpir um rosto. Caminho em direção ao quintal e depois volto, guiada pela fumaça. Sinto a presença de alguém aqui. Ele diz: o perigo existe, é preciso passar o jenipapo para trocar a pele. A madeira range. Debaixo da madeira, a várzea. Tainá escorre pelo vão das tábuas. Tudo é pântano e taboa. A casa afunda o brejo, enquanto a menina vermelha o rio. O cheiro atrai os bichos. No verão passado, os sapos espalharam-se por toda parte. Algo serpeia sobre o charco. Uma máscara me observa no breu. Sem tábua, ou sumaúma. Cabelo de palha – trançado, sobre a mesa. Não há rosto dentro dela.



MUIRAQUITÃ

Yasmin bate o cinzel para esculpir uma pedra. Ela é pequena e verde, menor que um buriti. Não saberia dizer a medida ao certo. "Preciso libertar o espírito que vive dentro dela.", ela me diz. Na mente, um turbilhão. O pai cerra a madeira para construir a trava. "A maromba será nosso novo assoalho.", previne. Na seca, colhe os legumes. Vê a marca onde o rio chegou? Ontem à noite vimos uma lontra. Chove. A água é tão negra que não sabemos o que há debaixo dela. Sobe em silêncio. É preciso terminar a obra antes que a água invada. Ele diz que o novo piso ficará trinta centímetros acima do assoalho antigo. Espíritos de mulheres guerreiras nadam ao redor da casa. Dizem que elas aparecem quando alguém esculpe a pedra. Maguaris abrigam-se embaixo de um ingazeiro. O pai possui pernas longas e finas. A cada ano suas palafitas aumentam. Dizem que o volume do rio é maior por causa da imensa cobra que também cresce e já é do tamanho do próprio rio. Há mais alguém, além de mim, o pai e Yasmin dentro de casa. Pegadas úmidas surgem sobre as tábuas. A geladeira estrala. Yasmin esculpe sem saber esculpir. A cada golpe do cinzel, o rio se move. Flechas e lanças. A casa inunda. Serpentes, peixes, sapos e ariranhas invadem os corredores. Móveis são arrastados. O pai caminha sobre pilotis e encontra Yasmin submersa. Ajudo ele a arrastar a menina até o igapó, onde vomita muita água, e volta a respirar. Abre a mão e mostra a escultura finalizada. Lembra a forma de um sapo, ou tartaruga. Na hora que ela sussurra "Muiraquitã", as águas regridem e o rio abaixa, revelando sob a casa um mar de quinquilharias – bacias, panelas, tupperwares, potes, garrafas. Que tipo de feitiçaria é essa? Os imensos pilotis, secos, sobre o lodo. E, ao longe, um imenso peixe mergulha. Não, 'pera. Não é um peixe. É uma mulher.



TRALHOTO

O pai de Suyane se mudou para baixo do rio. Foi há um tempo, antes do Bolsonaro se eleger. Acho que foi na era Temer. Desiludido, levou apenas um samburá, tintas e pincéis. Aqui na superfície, a gente usa o samburá para colocar os peixes. Embaixo d'água usa-se para quê? Até hoje procuram suas artes para vender, no ateliê rente à ponte. Para não ter que explicar, Suyane diz que ele mudou de cidade. De vez em quando a gente vê o velho emergindo, mas ele nunca vem falar com a gente. Nos vigia de longe, feito aquele peixe – o Tralhoto, sabe? Com seus olhos divididos, vê ao mesmo tempo o mundo externo e o aquático, submerso. Mas há quem diga, que na verdade, ele não está a nos vigiar coisa nenhuma. Só vem até a superfície para contemplar os pássaros. Um amigo nosso que é pescador, e mergulha no rio, nos disse que o véio construiu uma casa bonita lá embaixo. Sem palafitas, com varanda e jardim. E um estúdio onde continua pintando as telas. Aqui em cima ele pintava peixes. Lá embaixo deve pintar os pássaros. Ou quiçá, outro tema. Todo artista passa por fases. Há muitos pais que abandonam a família. Nosso amigo pescador disse também, que ele, lá embaixo, vive com outra mulher. Metade humana, metade peixe.





O BARCO E A PALAFITA

Suyane mora numa casa flutuante. A casa é igual um barco, mas é uma casa. Presa por uma corda, não deixa que o ingazeiro fuja. Já Samuel, mora sobre palafitas. É um “palafítico”, como dizem. Subiu tanto a casa, que alguns amigos tiraram sarro dizendo que ele queria chegar nas nuvens. Os dois respeitam a terra, só que de maneiras distintas. Enquanto Suyane a ama tanto, a ponto de se afastar dela, Samuel a despreza, sob suas longas pernas. Ou o contrário. Suyane abomina a rigidez da terra e Samuel a idolatra a ponto de não macular. Mas uma coisa os dois tem certamente em comum. Deitados, seja num barco, ou sobre as tábuas, contemplam o céu e admiram as estrelas.



O HOMEM-PALAFITA

Fez das próprias pernas palafitas e cresceu até as nuvens. Todo mundo o conhecia. Tornou-se famoso até em cidades gringas. Andarilho do charco. Caminhava entre as casas, afundando as escoras na água. Sobre rios, pontes e overdrives. Tal qual um flamingo, às vezes apoiava-se sobre apenas uma das pernas, capturando peixes – que alimentavam seu samburá. Alguns ri-beirinhos compravam direto do gigante, em dinheiro ou maquininha. E o peixe era arremessado do alto. Camarões e mariscos também. Certa vez alguém perguntou: “E se a cobra Boiúna trançar suas pernas? Ou o Caboclo d’água emergir? Não há pilotis que aguentem o tranco”. Mas o homem-palafita, assim como as casas, estava sempre preparado, com cachaça para as entidades e fumo para as cobras. Certa vez, foi crucial num incêndio. Na cidade flutuante, salvou uma família inteira. O pai e a mãe – um em cada mão. Os filhos abraçados nas pernas, a gaiola com o papagaio pendurada no braço. O problema é que sempre tem os espíritos de porco. Certa noite o atingiram com flechas pegando fogo. Suas palafitas romperam e o fogo se alastrou pelo corpo todo. Mergulhou nas águas do rio negro para apagar as chamas e nunca mais foi visto. Há quem diga que foi salvo pelos caboclos d’água e agora vive na cidade submersa. Outros que ele voltou a morar na cidade flutuante, como uma pessoa de estatura normal. Mas a versão que eu acredito é que ele se livrou das chamas, e nadou pelo igarapé, até camuflar-se na urbe. Com medo de ser descoberto e atacado novamente, mimetizou-se entre as moradas e hoje em dia quem olha não percebe mais o homem-palafita – imóvel e discreto, entre as casas.



PEIXES E FOLHAS

Já era para o velho ter voltado, mas nem ele ou seu barco estão ali. Rodnei corre as palafitas perguntando se alguém o viu. As crianças falam de um homem cor de bronze que emergiu. "Ouve o ruído?". Ofegante, corro até em casa. A mãe, segura – trança palha. Meu velho facão na cinta e Rodnei aparece para me buscar. O barco bica o rio, enquanto navegamos até onde ele costuma pescar. A mata nos engole. Serpentes são cipós e galhos. Jacarés são pedras e peixes são folhas. O motor desliga. O barco do velho está virado ao contrário. Não há corpo boiando. A madeira está arranhada. Tudo é silêncio e charco. A floresta grita. Algo balança nossa canoa por baixo. Menor que um jacaré, maior que uma cobra. "São mãos de bronze", diz Rodnei. E o barco vira. Somos folhas entre os peixes. Engulo água. A entidade abre sua bocarra enorme, soltando um grito agudo e afiado. Nadamos mais forte que conseguimos. Em poucos segundos ele nos alcança. Algo brilha na beira. Enquanto o golpeio com meu facão, Rodnei pega o objeto brilhoso. Uma garrafa de aguardente muito velha e cheia de musgo. Arremessa em direção à criatura, que a agarra. São segundos aterrorizantes. Bebe um gole e mergulha no esquecimento. Duas canoas voltam para a casa.





de vender picolé na praia, para se infiltrar na festa. Pela primeira vez chega tão perto do fandango da bicharada. Não pode ser descoberto de jeito de nenhum. Outras galinhas se aproximam e bailam com ele, ao redor dos cipós. É muito quente dentro da roupa. Observa tudo pelo buraco suado da máscara. No meio do torpor e da agitação, repara em algo estranho. O pé do urubu é de humano – com sandália havaiana.





FESTIVAL DO TAMANCO

Todo ano acontece o Festival do Tamanco em Murmurienses do Sul e surgem participantes de todas as regiões do litoral. Atiram as tarrafas e puxam os tamancos. Alguns saem do mar com a tarrafa cheia – dez, vinte belezinhas. Mas é muito raro pescar um par idêntico. Mesmo os tamancos do mesmo tamanho, são bem diferentes. Se distinguem no formato da sola, na forma que foi esculpido o pisante, nos vincos e estilo da madeira. É que há muito no mar, principalmente na primavera. No final do dia é uma festa – a tamancarada exposta na areia, de diversas medidas e formatos. Todo ano monta-se um tablado e os profissionais dançam, fandanguem ao som das rabecas. Vendedores de amendoins e castanhas circulam no meio do povo vestidos de urubus, galinhas e gaivotas. Nas barraquinhas da praia, iguarias caiçaras – caranguejos, mariscos, ostras. De repente um rapaz grita para os colegas: “Peguei um dos grandes! Não consigo puxar.” E a caiçarada corre até ele, ajudam a arrastar. É um tamanco enorme, maior que um tênis de jogar de basquete. Tamanqueia nas ondas, gira, bate as espumas, rodopia no ar. Pessoal pede até para os músicos pararem um pouco, pois a música deixa os tamancos mais agitados. Umas dez pessoas são necessárias para puxar a rede. Junto com o grandão, vem mais alguns menores. O rapaz ganha a competição, com certeza. Nunca haviam pescado um tão enorme. Abrem a rede e colocam na fila de tamancos na beira-mar. É bonito de ver – aquele mar de madeira, rente ao outro mar. O grandão pululando no ritmo, batendo forte, ao lado dos outros. E entre todos esses também um bem pequeno – do tamanho de uma romã.



O FAZEDOR DE RABECA

Um homem usando chapéu de palha e camisa aberta corta a caxeta para construir uma rabeca. Depois, cava o cocho. A casa fica perto da praia, onde descansam os barcos DãoDãozinho, Tiraninha, Rica-Senhora, Chimarrita, Cana-Verde e Sinsará. A cada dia os barcos se aproximam mais. Embaixo da casa, o mangue sussurra. Caranguejos giram o fandango dos dias, entrelaçando as pernas das garças. Enquanto constrói o instrumento, os gatos brincam com as lascas de buriti que caem sobre o assoalho. Seus três gatos possuem nome e sobrenome. Uri Geller, Lídia Brondi e Alceu Valença. O Uri Geller é meio médium e quando sente alguma presença, gira como se estivesse incorporando. Da folha da palmeira, o homem faz as cordas. Da mesma corda que se faz a rede que enlaça os peixes. Em postas, cozinha na panela. Uri sente a presença de alguém ali. Os avós do homem foram fandangueiros conhecidos na vila. Pregadas na parede, a rabeca e a viola – construídas por eles. Por fim, o homem fecha o corpo do instrumento e estica a crina para finalizar o arco. Testa um verso para afinar a danada. Tamancos serpenteiam ao redor da música. Fazem o fandango – sem ninguém os calçar.



O FILHO DA RABECA

Pedro nasceu de uma rabeca. Eu fiquei sabendo já no primeiro mês – adorado pela música, durante uma noite de festa. A barriga da madeira foi crescendo a cada fandango. Esticou as cordas. Cresceu muito. Até seu pai quase não conseguir segurá-la nas apresentações. A notícia se espalhou rápido pela cidade, chegando até a vila dos pescadores. Pessoas de todos os lugares vieram visitar a rabeca embuchada, tocar a mão nela. Diziam que dava sorte. Outros, por curiosidade mesmo. Trouxeram oferendas. Tainhas, camarões, mangas, bananas, feijoadas, angu, pipoca, manjar. Algumas tias e vizinhos deram presentes – bichos de pelúcia, carrinhos de ferro, pranchas de surf, bonecos Star Wars. Depois a gravidez ficou famosa em outras cidades, principalmente por causa de uma influencer que fez uma live no TikTok. Turistas que visitavam a cidade, passaram a ir na casa do Pedro para conhecer a rabeca e tirar foto com ela. A casa virou ponto turístico na agenda. E o instrumento ficou conhecido como A Rabeca Grávida de Murmurienses, e virou até personalidade mundial. Suas fotos saíram no *The Washington Post* e na *Rolling Stone*. Até o Kanye West veio conferir. Quando o piá enfim nasceu, havia uma multidão do lado de fora da casa. As pessoas eram o mar. Barcos queridos chegaram perto também para ver. Câmeras e celulares a postos. Pedro caiu no chão, chorando. O timbre era muito parecido com o do instrumento e na hora alguns disseram: “Sim, sim, é filho dela mesmo!”, “Só podia ser filho desta maravilhosa rabeca!”. Está tudo lá no YouTube. E no Instagram também.



O GALO BOÊMIO

O galo de Tainá sai à noite escondido. Amigos o encontram nos bares, garçons comentam. “E não bebe pouco!”. Como pode? Tem até Instagram. Faz stories, copo na mão, galo influencer. A menina intrigada, fica de tocaia numa janela com vista para o galinheiro, com celular na mão. Atualiza a página para ver se a foto muda. Dez, onze horas, nada dele sair. De repente surge, saindo de fininho – na porta do poleiro. Sem acordar nenhum companheiro, atravessa o jardim e contorna a casa. Tainá o segue, tipo detetive. Ele salta o portãozinho e atravessa a ponte. Ela vai atrás. O galo convicto, caminha em direção ao centro da cidade, onde tem os bares. De repente, a luz de um bonde – e a menina perde o galo de vista. “Diacho!”. Dá uma volta no centro, olhando para dentro dos botecos, mas não o encontra. Volta pra casa. No outro dia, ao acordar, a primeira coisa que faz é olhar o Instagram. Novos stories, fotos dele na balada. Trezentas curtidas e um comentário: “Ontem foi foda!”. Corre até o quintal e o encontra lá, bonito e garboso, entre as galinhas e os outros galos. Nem sinal de ressaca.



A RABECA-PEIXE

A rabeca de João atrai os peixes. Na praia, pululam tainhas, linguados e robalos quando ele a toca. Pescadores o contratam, vai junto nos barcos. Grandes cardumes nadam na melodia. As tarrafas, lotadas. Vira cena habitual – olhar para o mar e ver João lá no fundo, sentado no barquinho, tocando rabeca. Mas algo acontece, e, no corpo do instrumento surgem escamas. E quanto mais surgem, mais influente ela fica. Passa a atrair além dos peixes, polvos, lulas, golfinhos e baleias. Imensas jubartes saltam no canal de Murmurienses. Nunca havia se visto baleias desta raça aqui no sul. E pasmem – um marinheiro avistou até um cachalote, perto da ilha Paraguaçu. João fica com medo do congestionamento marítimo que sua música pode causar. Tranca-se em casa por uns dias e os pescadores – indignados, batem na sua porta, forçam as janelas, reforçadas com tábuas. João fica preso, por um tempo, dentro de casa. Sem sol. Ele e a rabeca. Por uma fresta consegue ver o mar – que volta a ficar calmo, sem baleias ou leviatãs. E o instrumento passa a se mover sozinho. Pula da mesa. O braço vira um rabo, brotam guelras e barbatanas. Com o peixe nos braços, ele corre até o mar. E a rabeca-peixe mergulha na água salobra, para enfim sumir no marzão prateado. Quando salta, lá no fundo, emite acordes da música que costumava tocar, mudando a paisagem, balançando as palmeiras, os sombreiros e os flamboiãs.



O ADUFO QUE CAUSA TRANSE

O adufo é uma espécie de pandeiro, só que típico das rodas de fandango. Confeccionado com couro de cachorro-do-manguê, veado ou cutia. Mas ninguém sabe dizer quem construiu o adufo que causa transe. Desde os primórdios da cidade, sempre esteve aqui. É um adufo mágico – sua batida deixa as pessoas hipnotizadas, a ponto de entregar todo o dinheiro que possuem ou obedecer a qualquer coisa que o mestre fandangueiro ordenar. E o galho é que há alguns dias, ele foi furtado do museu de Murmurienses. Em mãos erradas, pode ser fatal. Então o prefeito, que conhece bem a região, mandou chamar Labareda e seu bando de cangaceiros para que recuperassem o instrumento. Figuras raras no sul, mas perspicazes para seguir rastros. Dizem que o ruivo Labareda já foi assassinado, mas fugiu do inferno, e ainda por cima roubou balas do revólver do capeta. Falam que o tihoso está atrás dele até hoje por causa disso. E dizem que estas balas nunca terminam no coldre. Eles vêm até a cidade e aceitam a missão. Esqueci de dizer que eles se tornam mais perspicazes ainda quando são bem pagos. E o bando segue em direção à ilha Paraguaçu, levados de barco por um marinheiro amigo do João. Rabecas-peixe saltam ao redor. Labareda está sentado bem na frente do barco, seguido pelos comparsas – Tapete Velho, Rasga Tripa e Revira Bucha. Assim que ancoram, dão um blá com um pescador local e perguntam se ele sabe alguma informação sobre o “adufeiro” safado na região. O pescador diz que Dona Ilma comentou alguma coisa. Dona Ilma tem uma barraca de coco e também aluga cadeiras para os turistas. Ela diz que o cabra se embrenhou pelas matas Cocais, criou uma comunidade, uma espécie de seita – a Igreja do Adufo Mágico, onde as missas são bailes de fandango meio capengas. Labareda e o bando agradecem e

seguem mata adentro. A fauna é maravilhosa – tucanos, araras, tiês-sangue. Lagartos enormes cruzam o caminho dos cangaceiros, que embrenham-se feito onças perigosas. Caminham sem fazer barulho. Chegam na igreja. Em frente aos fiés, o cabra bate o adufo, influenciando a todos. Os pobres assistem a palestra, com olhos alucinados. Labareda atravessa o salão em direção ao altar. Lentamente. Diz: “Não foi difícil de te encontrar, grande larápio. Me dê cá este instrumento, que não te pertence.” E o adufeiro tentou fazer a mágica contra o ruivo, bateu uma melodia e chocalhou o som da cascavel, mas a mandinga não fez efeito no cangaceiro – enganador do diabo, queria o quê? E os dois ficaram mais de vinte segundos, frente a frente. Labareda sacou sua pistola, o cabra o adufo. O povo que assistia sai correndo, libertos do transe. Tapete Velho, Rasga Tripa e Revira Bucho ficaram na porta. Eles sabem que de vez em quando, Labareda gosta de resolver as coisas do jeito dele. Então o larápio atira o adufo como se fosse um disco, e Labareda ao mesmo tempo que desvia, aperta o gatilho. Suas tranças rastafari ruivas, desviam do instrumento em câmera lenta, que cai perto dos pés dos cangaceiros na porta. E a bala faz um caminho de fogo, ricocheteando pelas paredes da igreja, atravessando a testa do cabra safado. O adufo está a salvo e o bando pode retornar. No caminho passam no bar Peixinhos e bebem uma bebida típica da região – a cataia “Tudo Ruim”. Tapete Velho não vai embora de Murmurienses sem ao menos uma dose desta iguaria. À noite, o instrumento já está nas mãos do prefeito, que o leva até o museu. Chove na cidade, enquanto o bando sobe a serra, rodeados de criaturas misteriosas e relíquias escondidas. Marinados pelo efeito da “Tudo Ruim”, ainda ouvem o som do adufo na mata.

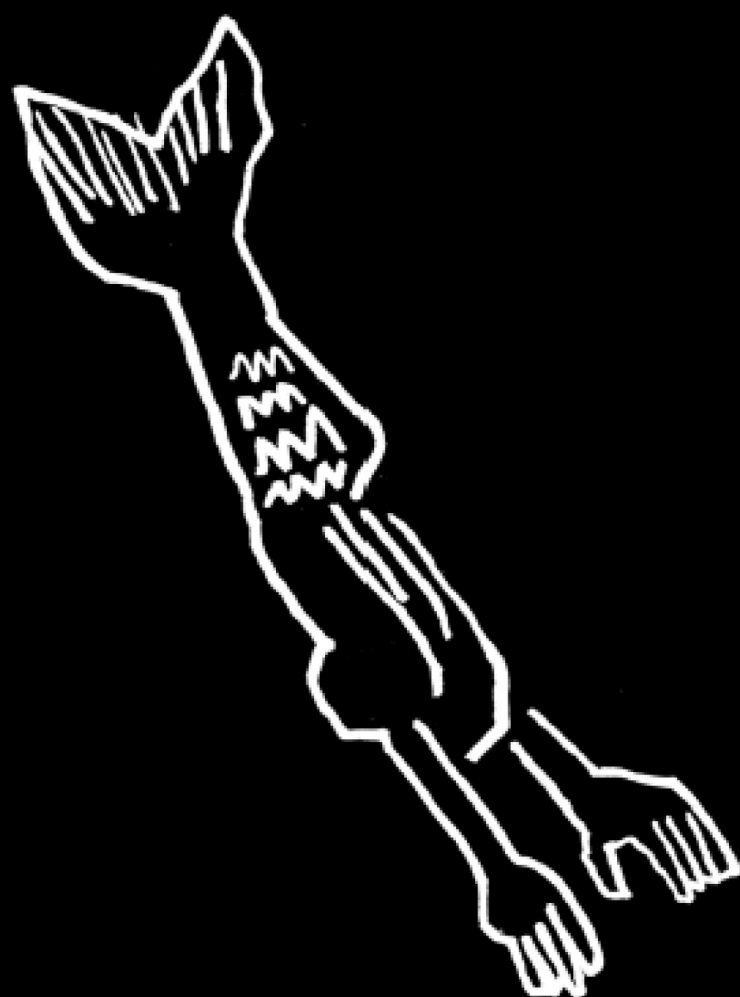




A TARTARUGA DE PANO E COURO

Nesta manhã, Murmurienses do Sul acordou diferente. Centenas de tartarugas marinhas gigantes ocupam a beira-mar. Vieram para desovar. Espalham-se por toda a praia. Cabeçudas, Aruanãs, Olivas. Os biólogos ajudam-nas a se moverem e colocam marcações ao redor dos ovos, que serão monitorados durante meses, até os filhotes nascerem. Ninguém sabe o que levou a aparecerem tantas, este ano. Talvez algum desequilíbrio, ou o som de uma rabeca. Algumas delas também estão na cidade, pelas praças, nos bares, no antigo Mercado do Café, no clube, em frente ao açougue. Uma cabeçuda enorme interrompe o fluxo dos bondes na avenida José Arcádio Buendía. Tiveram que cancelar aquela linha e as pessoas que costumavam usá-la foram a pé. Há uma tartaruga até na piscina da Dona Teresa, entre as galinhas no quintal de Suyane e outra no hall da prefeitura. Mas o que mais chama atenção de todos os moradores é uma tartaruga de pano e couro – pela primeira vez em terras brasileiras. É linda e muito rara. Suas patas são de puro tecido, revestida de espuma. Tocar nelas é como encostar em velhas e imensas almofadas de vó. Os olhos, botões de paletó. E o casco feito do mais puro e verdadeiro couro. Parece uma jaqueta do rock. Reflete os raios do sol. Costureiras e alfaiates são chamados para ajudar a costurar suas partes danificadas, assim como dos ovos de crochê que ela desovou. Um rapaz acompanha Dona Naia – a melhor costureira da cidade, protegendo-a com um guarda-sol. Dona Naia trabalhou no conserto de uma baleia de lã, que encalhou na praia, há muito tempo atrás. Senta-se sobre um banquinho retrátil e começa a trabalhar. No lugar dos dedos, agulhas de crochê. Conserta os furos em instantes. De repente, alguém diz: “Olhem, os ovos já estão abrindo!”. Diferente dos ovos das outras tartarugas,

os de crochês se descosturam rápido, revelando uma coleção de roupas e sapatos incríveis. Infantis e adultos. Coleção primavera-verão. As peças são novidades até para aqueles que acompanham as tendências nos sites influencers. Calças de linho, paletós com ombreiras, camisas estampadas, sapatos de couro. As pessoas que estão perto, aglomeram-se pela oportunidade. Disputam as peças, puxam, se estapeiam. Parece dia de promoção no supermercado. As blusas arrebenham puxadas pelas mangas. Um rapaz é atingido por um sapato no olho. Dona Naia consegue sair de fininho, em meio ao alvoroço, com um lindo suéter. Uma outra senhora garante um vestido. Mas muitas roupas acabam danificadas e a tartaruga assustada, volta para o mar. Depois que a multidão dispersa, naquele ponto da praia, fica parecendo cena pós-guerra. Mangas rasgadas, sapatos avulsos, pedaços de tecidos, botões, bolsos arrebenhados. Um horror.





MOROSIDADE MURMURANTE

Desde que as tartarugas gigantes chegaram que a atmosfera da cidade mudou. E não foi só por causa do trânsito e das mudanças de rotas para contornar as carapaças. Todos os moradores foram aparentemente influenciados pela lentidão dos répteis. Os relógios da igreja atrasaram, os cozinheiros preparam os pratos sem pressa, os bondes estão mais suaves, as pessoas caminham devagar. Até a Dona Naia, com seus dedos de agulhas de crochê, está costurando menos. Quando antes ela costumava preparar uma blusa em menos de dez minutos, agora, está levando quase uma hora. Os navios, sonolentos, roncam a morosidade murmurante do cais. Até as ondas demoram a estourar. O mar está uma piscina. Matheus Henrique levanta sem se dar conta, e, vagarosamente, bebe seu café. Come bolacha de água e sal com geleia de damasco, depois escova os dentes – como quem se prepara para um baile ou ritual. Atravessa a sacada e abre o portão. Ainda há notívagos perdidos no Peixinhos – bar tradicional dos boêmios, bem em frente. Segue seu trajeto, passando pela praça, onde os primeiros velhos começam a chegar. Ocupam as mesas de xadrez e colocam as peças. Na rua José Arcádio Buendía, uma mocinha desgarra-se da mão da vó – em busca de um anel que voou lentamente do seu dedo. E o bonde elétrico vira a esquina. Matheus é a pessoa mais perto da menina, mas não consegue correr. Tampouco a vó, que grita o nome da criança em baixa rotação. Matheus anda o mais rápido que pode. Seus pés são mais pesados que presidiários acorrentados. Por sorte, o bonde também se move devagar, e o rapaz consegue salvar a garotinha à tempo. Para o alívio da vó e do condutor. No dedo da menina, o anelzinho de plástico com imitação de madrepérola. Depois, cada um segue para um lado e Matheus passa o dia lembrando da cena. Após o expediente,

volta pra casa, a tempo de contemplar a tempestade se formando. O céu trova. Do outro lado da rua, o bar Peixinhos. As tartarugas continuam lá, também os bêbados. Quando a chuva cai, nenhum deles se move.



ITSEKE

Matheus convida o amigo Jonatan para pescar. Ele sabe que hoje Jonatan não abrirá seu bar – o Peixinhos. Combinam de se encontrar à noite para uma pescaria noturna, com lanternas e vagalumes. Na mata, Matheus acha o amigo muito esquisito. Jonatan, apressado, caminha na frente sem mostrar o rosto. Tudo o que Matheus comenta ou pergunta, ele responde com palavras curtas. “Sim”. “Isso”. “Vamos ver”. Embrenham-se no escuro, passando por algumas tartarugas marinhas. À noite, elas são pedras que roncam. A caminhada que duraria meia hora até o rio, leva quase uma hora. Tempos de morosidade murmurante. Em nenhum momento Jonatan vira-se para falar com o amigo. Os índios contam que algumas entidades, conhecidas como itsekés, são capazes de se metamorfosearem na forma humana. Fingem ser um parente ou alguém próximo. Estava muito escuro em meio às árvores para pensar em lendas indígenas. Matheus não consegue ver se Jonatan é o Jonatan mesmo. Os dois sobem na canoa. O suposto amigo vai na frente e Matheus se posiciona na popa para ser o remador. As dúvidas são sombras no igarapé. Matheus pensa “Será que ele vai me comer?”. Perto da represa, os dois encontram algumas armadilhas para peixes, deixadas por outros pescadores. Os índios chamam estas armadilhas de “utu”, ou “juquiá”, dependendo da tribo. Havia pias, traíras, piranhas e uma arara. Amarram o barco e resolvem cozinhar os peixes ali mesmo. Fazem uma fogueira. Jonatan foge da luz e fica na canoa, enquanto Matheus cuida do ensopado. Com uma posta de peixe na colher, Matheus aproxima-se do amigo e oferece para experimentar. O cabra come sem se virar, feito um cachorro faminto ou bicho pior. Salta sobre o companheiro, que o atinge com o ensopado fervendo, da panela que segurava na outra mão.

Daí Matheus sobe na canoa e foge, enquanto Jonatan mergulha na água para aliviar a febre. Volta o mesmo caminho, ofegante, marcado pelas imensas tartarugas. Atravessa o matagal aterrorizado, checando se não está sendo seguido. Ao chegar em casa, encontra seu verdadeiro amigo Jonatan, dormindo, na sacada de casa. Aproxima-se, toca-lhe o ombro. "Jonatan?" "Jonatan?". Mas o lampião não dá conta de iluminar e não há um rosto sobre o pano quadriculado da rede.



A CABEÇA QUE VOA DESTACADA DO CORPO

Há uma cabeça que voa destacada do corpo assustando os que trabalham nas plantações de suspensórios. A cabeça pertence a uma antiga moradora da região, Dona Hermínia. Os suspensórios são o principal produto de exportação de Murmurienses do Sul e suas plantações estendem-se pela zona norte toda, desde que a cidade surgiu. No começo, brotavam apenas suspensórios pretos, mas depois alguém semeou outros e hoje em dia são mais de cem espécies. Quadriculados, listrados, de bolinha, grossos, finos, de botão, com mosquetão ou clips. Vocês sabem, o suspensório é uma opção ao cinto. Ambos exercem a mesma função, de evitar que a calça caia. Mas há quem prefira os cintos, como é o caso da cabeça que voa. A velha grita: "Suspensórios não!", dando rasantes sobre os arbustos. Se o trabalhador estiver usando um, é ainda pior – porque a cabeça agarra-o com os dentes e o puxa para cima, machucando-lhe os bagos. Só há um jeito de afastar o espírito da cabeça: oferecer-lhe qualquer prato feito com camarão. Dona Hermínia era intolerante a eles. E eu que nem sabia que *visage* sofre de alergia.



A TARTARUGA DA NAIA

Dona Naia possui uma tartaruga de pano e couro. A pequenina foi encontrada na praia tempos atrás, quando as plantações de suspensórios ainda eram discretas e não tomavam as colinas. Era uma tartaruguinha bebê, toda amassada, quando chegou. Primeiro, serviu de peso pra porta. Depois, cresceu bastante – alimentada por lã, malhas e restolhos de pano que Dona Naia deixa cair da mesa de costuras. A casa toda é cheia de plantas – de pano. Imensas folhas que imitam as folhagens da mata. Suculentas, costelas-de-adão, espadas-de-são-jorge, alocasias, begônias, bromélias. Quando alguma está murcha ou rasgada, Dona Naia as conserta, rapidamente, usando seus infalíveis e caprichosos dedos de agulhas. Mas a tartaruga ficou obesa de tanto comer restos. Já não passa na porta. Fica só na sala. E Dona Naia não sabe o que fazer com ela. Alguém disse: “Começa a dar voltas na quadra com ela”. O problema é quanto tempo leva o trajeto todo. A solução que a costureira deu foi levá-la até o mar. Talvez nadando ela entrasse em forma, quem sabe se juntasse a um grupo de outras da mesma linguagem. Com a ajuda do vizinho Matheus, Jonatan e mais outros amigos, levaram a gigantona até a praia. Foi como carregar uma imensa pedra. Seus olhos de botões brilharam quando viu as ondas. Os óculos de Naia, também, embrumaram. A tartaruga, antes de sumir depois da primeira rebentação, deu uma olhadinha para trás, como se agradecesse por tudo. E a velha levantou as mãos, expondo as cinco agulhas longas de crochê rosa. Mas não se atreveu, como sempre, a molhar o pé. Todo mundo sabe o quanto ela tem medo do mar, e que preferia que fosse feito de seda ou cetim.



OS VENDEDORES DE PALMILHAS

Ninguém, em Murmurienses do Sul, sabe de onde surgem os vendedores de palmilhas. Eles dominam as ruas em algumas épocas do ano, munidos de malas e baús lotados. Nos bares, nos bancos de praça, na rodoviária, no cais, nos botecos à beira-mar. Prometem a solução para os erros de pisadas, as dores nos joelhos, os problemas no metatarso. Se você dá trela, eles começam a despejar, estejam onde estiverem, as centenas de modelos – de silicone, com calcanheiras, de borracha. Alguns dizem que eles chegam nos navios, à noite, enquanto a cidade dorme. Outros, que estão sempre por aqui, camuflados em outros empregos. Talvez sejam como os ciganos, viajem de cidade em cidade. Quando estão na ativa, vestem-se com roupas engraçadas, de outrora – gravatas listradas antigas, paletós ultrapassados, óculos antiquados. Suas malas são de madeira, grandes e pesadas – como as de caixeiros viajantes. Mas como podem ser viajantes e estarem sempre aqui? Murmurienses não é grande para dar conta de tantos vendedores. E nem de tantas palmilhas. Alguns moradores, pela insistência, até foram convencidos a usar as correções. Alguns vendedores são realmente persuasivos. E em época de palmilhas, chega a ser o assunto mais comentado nos lugares. Sim, a gente diz que é época de palmilhas, assim como se diz sobre época de tainha ou de caqui. É quase uma espécie de estação. Um tal de fulano dizendo que melhorou a estrutura de seu arco plantar, ou outro dizendo que o gel equilibrou sua pegada. Coisas assim. Mas uma coisa que poucos conhecem, são as palmilhas especiais. Também não é todo vendedor que a possui. Eu estava tomando um café com meu amigo Jonatan no antigo mercado, quando apareceu um dos vendedores. Cabelo grisalho bem penteado pro lado, formando uma franja. Gravata de crochê e

cinto branco. Paletó com cotoveleiras e um sapato preto puído. Assim que se aproximou, Jonny já avisou que não estávamos interessados, que iria atrapalhar nosso café com fofocas, que estávamos esperando um outro amigo chegar, mas o caixeiro foi insistente como sempre. “Senhores, vocês certamente não conhecem palmilhas como as minhas”. Meio curiosos e um tantinho sacudos, deixamos ele falar, enquanto continuávamos a bebericar nossos cafés. Com a mala de madeira aberta, ofereceu o arsenal: palmilhas silenciosas – eliminam qualquer som, qualquer barulho na pisada, essencial para quem quer entrar em algum lugar sem ser notado, palmilhas para andar na parede – autoexplicativa –, palmilhas para andar mais veloz – acaba com atrasos no serviço –, palmilhas para andar sobre a água – para quem precisa atravessar rios ou córregos. Ou caso precise alcançar um navio ou táxi-lancha –, palmilhas para se quebrar tijolos – seus pés ficam tão resistentes quanto lutadores de Kung-Fu, muito boas também para abrir coco numa só pisada – e a mais valiosa de todas: palmilhas que viajam no tempo – você caminha com elas para frente, para o tempo avançar, e andando para trás, tipo Michael Jackson, retrocede um minuto em cada passo. Nesta hora, meu amigo Jonatan arregalou os olhos por trás de seus óculos de aros grossos. Acho que até chegou a embaçá-los também. “Volta ao tempo mesmo? Avá! Só pode ser lorota!”. E aí o comerciário propôs: “Cara, vamos fazer o seguinte. Te empresto uma, que é de demonstração para você testar. Se gostar, nos encontramos aqui novamente, neste café. Eu já terei ido embora, mas a palmilha fará o tempo voltar e me encontrará novamente aqui. Aí você me devolve ou compra uma na caixa. Que tal?”. Jonny aceitou e assim que o sujeito sumiu com sua imensa mala, começou a desamarrar seu All Star para inserir as palmilhas. Nosso amigo Carlos chegou bem nessa hora, riu da situação e pediu um café. O garçom trouxe duas fatias de tortas de limão que pedimos alguns minutos atrás. Jonatan deu alguns passos para frente usando as palmilhas, depois caminhou ao contrário como se dançasse o

moonwalk. O diacho da palmilha não funcionou, mas pelo menos melhorou muito a pisada e consertou o arco plantar do Jonny. Vendedor safado! Estamos esperando a próxima estação de vendedores de palmilhas para encontrar novamente esse cara e pedir o dinheiro de volta. O problema é que eu tenho a sensação de que nunca são os mesmos vendedores.



QUANDO O MAR INVADE

A maré sobe e o mar invade a cidade. Todas as ruas e vielas são mar. A água bate nas soleiras, mais alto que a marca que ficou da última vez. Gaivotas dão rasantes pegando peixes na praça. Há peixes por tudo. A água engole as tartarugas. Encharca o jardim de pano da Dona Naia, ensopa a plantação de suspensórios onde a cabeça assombra. Não há mais cais onde os navios estão ancorados. Matheus coloca todas as suas coisas o mais alto possível, pois sua casa não possui palafitas. O mar invade o bar Peixinhos e carrega os bêbados que dormiam na calçada. Alguns continuam apagados sobre as mesas, com a água acima dos joelhos. De repente, se vê um tanto de bêbados indo com a correnteza. Ébrios entre garrafas, placas, cadeiras e bicicletas. Tudo é arrastado sem dó. Jonatan, em cima da laje do bar, arremessa uma tarrafa para resgatar seus bêbados que foram levados. Consegue salvar uns três.



MATHEUS NO TELHADO

Quando o mar submerge a cidade, Matheus vai dormir no telhado. Tarde da noite, enquanto a maioria das pessoas dorme, os navios invadem as ruas. São imensas embarcações, algumas com containers, cargas, outros com viajantes. É por isso que algumas pessoas de Murmurienses desaparecem sem deixar vestígios. E também aparecem outros, como os vendedores de palmilhas. O naviozão passa apitando rente às telhas e Matheus, insone, contempla. A fumaça escora as nuvens. É escuro, mas dá para ver algumas pessoas acenando das cabines. Mais longe vê outros navios. Cachalotes de aço. Baleias azuis, jubartes. Mas há também um menor – de madeira. Navega em círculos, entre as árvores. Parece perdido. Aproxima-se de casa de Matheus, que o ilumina usando uma lanterna. Na bandeira rasgada, a imagem de uma caveira. É uma mini embarcação pirata – repleta de musgos e algas. Velas rasgadas, madeira podre. O timão move-se sem ninguém o tocar.



O VÔ DE TAINÁ

Um dos navios passa tão perto da sacada da casa de Tainá, que ela consegue encostar no casco. É como tocar um leviatã. Viajantes, na janela, dentro da janela dela. Fazem parte da casa. Chaminés e lareira, mesas e cafés. Sua casa também é um navio, ancorada nas memórias. Tainá tem a impressão de ver seu vô, desaparecido, numa das janelas. O bigodão vistoso, virado pra cima. Ou seria uma foto dele, no reflexo do vidro, na parede da sala?



A CASA EM RUÍNAS NO FINAL DA RUA

No meio da madrugada, um navio ancora, em frente à casa em ruínas no final da rua. Tainá acompanha a cena, de longe, enevoadada pela incerteza da escuridão. No navio sai uma passarela presa por cordas. É como se a baleia abrisse a bocarra e de dentro do mamífero saísse um homem. Um rapaz usando terno, e chapéu, com uma mala na mão. Atravessa o mar por cima da ponte, que se escora na balaustrada do sobrado. Ao chegar na sacada, acena para alguém, e a ponte recolhe. Em seguida não está mais lá e nenhuma luz acende. Noutro dia, quando o mar recua, os navios desaparecem e as pessoas abrem suas portas. As imensas tartarugas também se foram. Tainá caminha até o final da rua. Vizinhos retiram a água salgada com baldes – repletas de lulas, peixes, camarões e outros animais. Filhotes de polvos escalam os fios. E a casa em ruínas continua vazia e fechada. Sem nenhuma roupa ou fronha presa no varal.



FESTA DE SÃO MENININHO

Uma das festividades mais reconhecidas de Murmurienses do Sul é a Festa de São Menininho. O santo foi filho de pescador – saltou por cima de dez cações, transformando-os em dez tainhas. Eram os únicos peixes que os pescadores tinham conseguido naquela manhã. A cidade ainda era uma pequena vila rodeada de barcos quando isso aconteceu. Não se sabe se este guri era realmente filho de um pescador, ou apenas morador da vila. Não há foto. Apenas o que existe são alguns desenhos – gravuras feitas por um artista local, emolduradas numa das salas do museu, com uma réplica na entrada da igreja. O fato de ele usar suspensórios também é um indício de seus dons proféticos, pois anos depois a cidade virou a maior produtora de suspensórios do sul do país. Dizem que numa outra ocasião, ele também transformou uma garrafa de água mineral em Laranjinha Água da Serra. O fato é que sempre no mês março sai a procissão da igreja com mesmo nome, em que a estátua de São Menininho – preta, usando suspensório e com uma tainha numa das mãos, segurada pelo rabo – é levada até a Praia de Fora, onde aconteceu o milagre. Os fiéis levam presentes – tarrafas, varas, anzóis, miniaturas de barcos, comidas, manjares, Laranjinhas, peixes, frutas, chocolates. Pedem fartura. O guri é o padroeiro da cidade. A festa dura até altas horas da madrugada, com grupos de fandango e forró. Pessoas das cidades vizinhas chegam em lotações e vans. E a estátua só volta para a igreja dois meses depois, no começo do inverno, na época das tainhas, quando acontece mais uma festa encerrando o ciclo. A dona Naia diz que, de vez em quando, recebe-se a visita de São Menininho na forma de uma criança pedinte. E que se você for caridoso e der comida, ele multiplicará seus alimentos. Certa vez, ela bebia uma Laranjinha Água da Serra quando

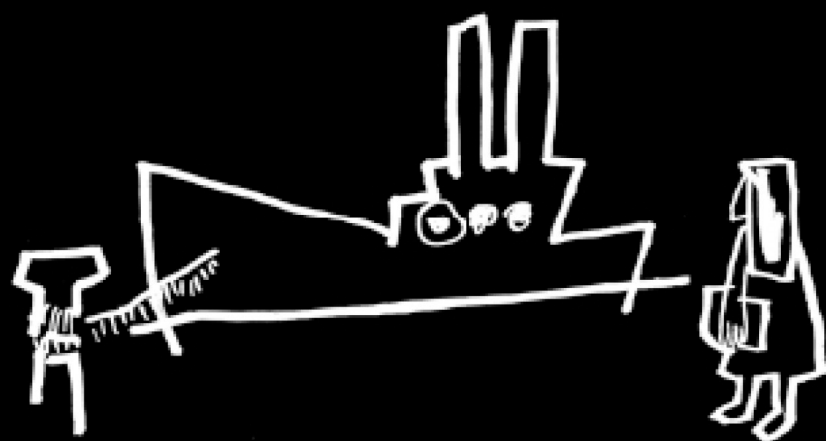
escutou palmas no portão. Era um gurizinho querendo pão. Ela doou algumas comidas a ele e quando voltou para dentro, o seu refri de trezentos mililitros tinha se transformado numa garrafa de dois litros.



ENCONTRO ANUAL DOS OBSERVADORES DE CUCOS DE MADEIRA

Murmurienses do Sul é palco, anualmente, para um dos eventos mais curiosos do país: o encontro anual dos observadores de cucos de madeira. A partir de novembro, a cidade é invadida por pássaros de várias espécies e tamanhos. De imbuia, cerejeira, jacarandá, peroba, pinho, jatobá, pau-brasil. Cucos que parecem flamingos, joões-de-barro, pardais, bem-te-vis. Batem suas asas pesadas nos peitoris das sacadas, cantam de hora em hora o som dos foles. A batida de suas asas lembra o tamanco sobre o assoalho, no fandango. Ou o som das portas ou venezianas, batendo com o vento. Colecionadores de cucos hospedam-se em diversos hotéis e pousadas na cidade. Os restaurantes típicos oferecem iguarias locais – moquecas de tamancos, peixes ao fandango, tainha à São Menininho. Artistas locais vendem aquarelas e telas de cucos, representados nos galhos dos flamboiãs, às sombras dos sombreiros. Fotografias são expostas em museus, bares e no salão paroquial. Os fotógrafos gringos – com suas lentes enormes –, embrenham-se no mangue, com água até os joelhos, em cima das árvores, pegam caronas nos bondes elétricos, em balões enjambrados, em busca dos melhores cliques. Artistas montam cavaletes na praia. Outros chegam nos navios à noite. Todo ano o prefeito oferece um prêmio para as melhores fotos. Teve um ano que alguém conseguiu fotografar um cuco voando lado a lado com a cabeça destacada do corpo, que assombra as plantações de suspensórios. E um outro, sobre a carapaça de uma imensa tartaruga de pano. Dizem que os relógios-cuco foram criados na região da Floresta Negra, na Alemanha, mas os adoradores vêm

de todos os lados do globo. Suíços, suecos, austríacos, holandeses, japoneses, chineses. Alguns, inclusive, trazem seus relógios, afim de libertar os pássaros. Há um momento especial para isso, em que vários relojoeiros juntam-se à beira mar e deixam as portinholas se abrirem para que os pássaros voem em direção ao mar. Mas o momento mágico acontece às doze horas do segundo dia, quando todos os cucos da região, somados aos trazidos pelos viajantes, revolvem cantar as doze badaladas. Ouve-se em uníssono por toda a cidade a “cucurada” enérgica em eco. Dizem que é possível ouvir até nas aldeias distantes, nas cidades vizinhas. Algumas quadras dali, numa rua paralela à principal, a pequena Tainá esculpe seu próprio cuco, no quintal, usando pedaços de madeira que encontrou abandonadas na feira. Bate o cinzel para libertar o pássaro. Ao terminar a obra, mostra para sua mãe que a elogia e sugere colocá-la na janela, ao lado das folhagens. No outro dia, ao acordarem, o pássaro não está mais lá. Assim como os demais cucos da festa que migram para outras cidades, para voltarem no outro ano, no mesmo horário, no mesmo dia. Pontualíssimos.



A MENINA E O NAVIO

Todos os dias uma menina vai até o cais conversar com seu navio preferido. Ela chama este navio de vô e conta histórias para ele. É o navio que fica mais distante – na última plataforma. Velho e abandonado. Tainá conta causos que aconteceram na cidade. Narra-os do seu jeito, modificando alguns detalhes. De quando apareceu uma tartaruga de pano e couro na praia, de um vendedor de palmilhas mágicas que permitem avançar ou retroceder no tempo, de uma senhora com agulhas de crochê no lugar dos dedos, de uma entidade metamorfa chamada itseke, de um homem com pernas de palafitas, de uma cabeça que voa destacada do corpo nas plantações de suspensórios, de um galo boêmio que vai para o bar escondido, uma criança que nasceu de uma rabeca, um homem que pescou uma vó. Tal qual Sherazade, ou Marco Polo, Tainá passa as tardes na companhia dele. Vô Atlântico é como o Rei Shariar, ou Kublai Khan. Imperador em seu domínio, magnânimo em sua completude, recebe diariamente a visita de Tainá, a viajante da própria cidade. Ouve suas histórias. De vez em quando duvida se são totalmente reais. Mas aí ela o surpreende com objetos que comprovam a veracidade dos causos: um filhote de tartaruga de pano, o cartaz com a propaganda das palmilhas mágicas arrancado de um poste, um dedo-agulha-de-crochê, um fiapo de cabelo de itseke, uma lasca de perna de palafita, uma fotografia da cabeça voadora há noite (meio desfocada), uma pena do galo boêmio, uma rabeca com escamas, o pedaço da tarrafa que pescou a vó. Dentre estas evidências, nem mesmo um navio de outrora, por mais calado que seja, pode dizer que não são reais.



Ouçá o audiolivro acessível!

1ª edição [2025]

Este livro pertence à coleção Outras Palavras, uma realização da Biblioteca Pública do Paraná e da Secretaria de Cultura do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo.

Composto em Figtree, sobre papel avena 80 g, e impresso nas oficinas da Gráfica e Editora Copiart em junho de 2025.

SINOPSE

As histórias de *A festa da moça nova* acontecem em Murmurienses do Sul, cidade litorânea no sul do país, onde o fandango é dança típica e os moradores são muito influenciados pela cultura dos indígenas que moram ao redor. A festa da moça nova ocorre quando uma jovem menstrua pela primeira vez. Os adultos vestem-se de encantados para representar as entidades que protegem a menina dos animais ferozes da mata, atraídos na aldeia, pelo cheiro do sangue.

O AUTOR

Fabiano Vianna nasceu em Curitiba, em julho de 1975. É formado em Arquitetura e Urbanismo pela PUCPR em 2001. Escritor, designer e ilustrador. Lançou, em 2009, a revista de literatura pulp *LAMA* – suspense e terror. Iniciou, em 2017, um projeto de desenhar cenas de terreiro e entidades da Umbanda, chamado Saravá Sketcher. Coautor do livro *Sketchers do Brasil* e integrante do movimento Urban Sketchers. Participou das exposições coletivas de arte: “Coletivo de Arte – Traços Curitibanos”, “Retrospectiva Urban Sketchers Curitiba” e “Volta ao Centro Histórico em 80 dias”. Autor dos livros *Quem costura quando Mirna costura* (Arte & Letra, 2021) e *A inesperada gravidez da casa de lambrequim* (Arte & Letra, 2023).

Avalie nosso projeto:

